

Os prós e os contras da renda básica universal

Diogo Augusto Vidal Padre²²

1 INTRODUÇÃO

A renda básica universal (RBU) é um pagamento periódico em dinheiro feito pelo governo para todas as pessoas, não condicionado a qualquer contraprestação e independentemente de possuir emprego ou rendimentos. O fundamento da RBU é garantir condições mínimas de vida para todos os residentes de um país.

De acordo com Hughes (2020) a RBU começou como uma proposta utópica de pensadores social-democratas, anarquistas e socialistas que pretendiam criar um mundo sem pobreza. Em 1797, Thomas Paine propôs que todos os cidadãos adultos recebessem um pagamento fixo. Em 1848, o socialista belga Joseph Charlier defendeu o pagamento de um “dividendo territorial” de renda regular ao povo. Na década de 1930, James Meade sugeriu um “dividendo social”. Martin Luther King Jr. e os Panteras Negras também sustentaram um pagamento mínimo. As feministas na década de 1970 lutaram pelo *Wages for Housework* como uma forma de contribuição pelo trabalho doméstico não remunerado. Mais recentemente a RBU ressurgiu como uma resposta às transformações do mercado de trabalho, que ameaçariam a existência do emprego da maioria das pessoas, e do fracasso do Estado de bem-estar social em lidar com o problema da pobreza (LUCAS 2016).

De acordo com Samuel (2020), algumas formas de RBU têm sido experimentadas pelo mundo. Nos Estados Unidos, o programa mais conhecido é o do Alasca, que possui uma renda garantida desde 1982, custeada com as receitas do petróleo. Contudo, entre 1968 e 1974, os EUA experimentaram dar dinheiro a cerca de 7.500 pessoas em Nova Jersey, Pensilvânia, Iowa, Carolina do Norte, Seattle, Denver e Gary, Indiana. Ao redor do globo, programas semelhantes foram colocados em prática no Canadá, Brasil, Finlândia, Alemanha, Espanha, Países Baixos, Irã, Quênia, Namíbia, Índia, China e Japão.

Apesar de a RBU ser defendida por nomes como Elon Musk, CEO da Tesla, Chris Hughes, cofundador do Facebook, e Angus Deaton, Nobel de Economia (VEGA 2018), a proposta está longe de ser pacífica. O presente artigo tem por objetivo apresentar os pontos positivos e as

²² Mestre em Direito pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Mestrando em Economia, Políticas Públicas e Desenvolvimento pelo Instituto Brasileiro de Ensino, Desenvolvimento e Pesquisa (IDP/Brasília). Especialista em Direito e Economia pelo Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas (IE/UNICAMP). Promotor de Justiça do Ministério Público do Estado do Rio Grande do Norte (2010 - atual). Foi Defensor Público do Estado do Ceará (2006-2010).

críticas opostas a um programa de renda básica universal, fornecendo uma revisão da literatura acerca do tema. Para esse desiderato, o trabalho encontra-se dividido em três seções, além desta introdução. Na segunda seção, apresentam-se as alegadas vantagens da RBU. Na seção três, expõe-se a visão crítica ao programa. A última seção é dedicada à conclusão.

2 VANTAGENS DA RENDA BÁSICA UNIVERSAL

A ideia de uma renda básica para pessoas em vulnerabilidade econômica não é recente. Martin Luther King e economistas como Milton Friedman já defenderam essa proposta no passado (AMADEO 2021; TAL 2020). O Presidente Republicano Richard Nixon chegou a tentar aprovar uma versão da RBU em 1969, mas não obteve sucesso. Entretanto, a ideia ganhou mais fôlego recentemente, em razão das previsões catastróficas prenunciando o fim do trabalho como conhecemos. Os avanços tecnológicos e as consequentes mudanças nas relações laborais levaram muitas pessoas a acreditar que, num futuro próximo, o trabalho manual será integralmente substituído por máquinas. Até mesmo o trabalho intelectual será quase totalmente substituído pela inteligência artificial. O mundo seria, então, habitado por multimilionários proprietários de empresas de alta tecnologia e o restante da população de desempregados.

Essa previsão alçou a RBU não apenas a uma política pública atualmente recomendável, mas indispensável para o futuro. Para Reich (2016), a economia caminha a passos largos em direção à automação do trabalho e ao desemprego em massa. O autor prevê que haverá uma pequena máquina que será capaz de fazer e fornecer tudo que as pessoas precisarem. Reich (2016) diz que essa realidade pode chegar mais cedo do que muitos esperam, pois pesquisas estimam que quase metade dos empregos nos Estados Unidos pode ser extinto apenas nas próximas duas décadas. Para Reich (2016), diversos executivos de *big techs* já reconhecem que a RBU é uma política pública inevitável.

A primeira vantagem da RBU é que ela reduziria a pobreza e a desigualdade de renda e promoveria benefícios à saúde física e mental dos mais pobres. O Professor de História da Saúde da Universidade de Strathclyde, Matthew Smith (2020), enfatiza que pesquisas recentes relacionaram o estresse da pobreza com a inflamação no cérebro. Desse modo, a RBU garantiria que a sociedade fosse composta por uma população mais saudável e produtiva. Santens (2015), membro fundador do Projeto de Segurança Econômica, afirma que pesquisas indicam que a RBU reduziria as hospitalizações em 8,5%, diminuiria as taxas de criminalidade em 40%, reduziria a desnutrição em 30%, melhoraria o desempenho escolar e a impulsionaria a atividade econômica.

A RBU contribuiria ainda para empoderar grupos sociais vulneráveis. Smith (2020) sustenta que a RBU ajudaria as mulheres a abandonar relacionamentos abusivos e evitaria que

as crianças vivenciassem situações de abusos domésticos. Além disso, a renda básica valorizaria as modalidades de trabalho não remunerados, como o trabalho doméstico, a paternidade e assistência domiciliar a enfermos e idosos.

Ao avaliar o impacto social do *Basic Income Grant* (BIG) na Namíbia, o *Center for Public Impact* da BCG Foundation (2016) concluiu que o programa reduziu significativamente a pobreza, pois 76% dos cidadãos estavam da linha da pobreza em 2007, tendo sido reduzido para 37% em um ano de BIG. A desnutrição infantil também caiu fortemente, dado que o peso para a idade das crianças melhorou significativamente em apenas seis meses de programa. A frequência às escolas cresceu 90%, porque mais pais conseguiram arcar com o custo de mandar seus filhos à escola, enquanto as taxas de evasão caíram de 40% em 2007 para 5% em 2009. Por fim, o BIG tem contribuído para uma redução significativa da criminalidade, causando uma queda nas taxas gerais de crimes em 42%, conforme relatado na delegacia de polícia local.

No âmbito do mercado de trabalho, a RBU garantiria a independência financeira dos indivíduos, conferindo uma maior liberdade para buscar um trabalho mais gratificante ou para continuar os estudos a fim de melhor se adaptar às mudanças no mercado de trabalho (TAL 2020). Com maior poder de barganha sobre os empregadores, os trabalhadores poderão recusar empregos, o que forçará as empresas a competir pelos profissionais mais qualificados, com maiores vantagens, salários iniciais e ambientes de trabalho mais seguros. A introdução de programa de renda básica também pode erradicar a exploração dos trabalhadores. Para Tal (2020), a rede de segurança da RBU reduziria ou extingiria a necessidade de sindicatos, regulamentações trabalhistas e salário-mínimo.

A RBU ainda impulsionaria o empreendedorismo, na medida em que a proteção de uma renda mínima deixaria as pessoas mais suscetíveis a correr riscos. Muitas ideias promissoras podem não ser levadas adiante por falta de reservas financeiras suficientes para superar um determinado período de divulgação dos produtos. Assim, a renda básica também funciona como suporte financeiro aos desenvolvedores de novos empreendedores, podendo incentivar várias pessoas a iniciar seus próprios negócios e acelerar o desenvolvimento tecnológico.

A RBU também seria uma solução para a chamada falha do Estado de Bem-Estar Social. Por vezes, os programas de proteção não atendem a todos os necessitados e beneficiam pessoas que não necessitam da ajuda, gerando ineficiência, fraudes e desperdícios. A transferência de renda garante que cada pessoa utilize o dinheiro para satisfazer as necessidades que lhes são mais urgentes. Cada beneficiário decidiria como gastar seus próprios recursos.

Mas qual seria o custo do programa? Para Santens (2015) uma RBU fixada em US\$ 1.000 por adulto por mês e US\$ 300 por criança por mês erradicaria totalmente a pobreza nos Estados Unidos. Pode parecer caro, mas Santens pontua que o RBU deveria ser visto como uma vacina

social. Assim como cada dólar gasto na vacinação contra a varíola gera uma economia futura de seis dólares, o custo da vacinação contra a pobreza de US\$ 1.000 geraria uma economia posterior de até US\$ 1.700. Os pesquisadores do Roosevelt Institute, Nikiforos, Steinbaum e Zezza (2017) criaram três modelos para a implementação da RBU nos Estados Unidos e descobriram que, em todos os cenários, a economia cresceria aumentando a produção, o emprego, os preços e os salários.

É preciso levar em consideração que, do custo total da RBU, estimado em US\$ 3 bilhões (SANTENS 2015), seria subtraído o montante gasto com todos os outros programas de assistência social que se tornariam desnecessários e seriam extintos após a instituição da renda universal. Ademais, a RBU permitiria uma redução substancial dos custos administrativos, tendo em vista que, em vez de gerenciar e fiscalizar dezenas de programas diferentes, o setor público teria que se preocupar com a correta execução de um único programa.

Poder-se-ia pensar que a instituição de um programa de renda universal atrairia imigrantes interessados em obter um rendimento básico. Mas Tal (2020) considera que, se o programa for implantado globalmente, a RBU pode reduzir a imigração ilegal, pois os potenciais imigrantes ilegais perceberão que é mais lucrativo solicitar a renda básica do seu país de origem. Para o autor, a agitação social também seria bastante reduzida, uma vez que muitos protestos ou tumultos estão relacionados a dificuldades econômicas enfrentadas por certos grupos sociais.

3 DESVANTAGENS DA RENDA BÁSICA UNIVERSAL

A principal justificativa para a implantação da RBU é objeto de controvérsia. Acemoglu (2019) contesta que o trabalho esteja prestes a acabar, ponderando que as mudanças tecnológicas não implicam necessariamente a extinção de todos os empregos, mas apenas modificações nas formas de trabalho como conhecemos hoje. As previsões de substituição completa do homem pelo computador não parecem críveis quando se questiona quem irá consumir os produtos das poucas *big techs* se a quase totalidade da população estará desempregada e sem renda. Ademais, se a profecia de Reich (2016) acerca do i-Tudo, a máquina que fará e fornecerá tudo o que as pessoas precisarem, for verdadeira cabe perguntar qual seria mesmo o papel do trabalho nesse mundo. Não bastaria assegurar a cada pessoa uma dessas máquinas para que seus problemas econômicos estivessem solucionados?

Acemoglu (2019) ainda observa que a RBU imporá um insustentável fardo ao governo. Uma RBU de US\$ 1,000 mensal custaria cerca de US\$ 4 bilhões por ano, valor próximo de todo o orçamento federal de 2018. Não parece razoável sacrificar quase todas as ações do governo, como construção de escolas, reconstrução de estradas etc., para custear esse programa social.

Uma RBU permanente só poderia ser financiada com dívida pública ou emissão de moeda, que são dois meios não recomendados de se manter um programa social por gerar inflação.

Os defensores da renda básica dizem que a economia com os outros programas sociais extintos permitiria a manutenção da RBU. Ocorre que esses outros programas existem para resolver problemas específicos, não sendo desejável a sua extinção. Afinal, o pagamento de uma renda básica não elimina a necessidade de distribuição de medicamentos, de abrigar crianças e idosos em situação de risco, dentre outras situações específicas.

Acemoglu (2019) argumenta que os impostos sobre o rendimento, que são a fonte de arrecadação da RBU, são distorcivos, por desencorajar o trabalho e o investimento. A própria RBU pode incentivar o ócio, pois muitas pessoas podem simplesmente preferir ficar em casa e renunciar aos ganhos adicionais do trabalho. Como pondera Wyplosz (2016) *“[i]f we pay people, unconditionally, to do nothing... they will do nothing.”* De acordo com Tiessalo (2017), o economista-chefe da Organização Central dos Sindicatos Finlandeses (SAK), Ilkka Kaukoranta, manifestou-se contra a experiência de renda básica de US\$ 600 do governo finlandês, por desincentivar os trabalhadores finlandeses e ser “impossivelmente caro”.

A preocupação com a saúde mental também deve ser levada em consideração no momento de avaliar os efeitos da RBU. Os beneficiários da renda básica podem sofrer de sérios problemas mentais, se dedicarem o dia todo ficar em casa, assistindo TV, e perder a conexão com o mundo exterior. Até mesmo os impactos sociais benéficos devem ser vistos com cautela, pois a ideia de uma renda básica universal é bastante nova e não há estudos suficientes sobre as suas consequências de longo prazo. Ademais, deve-se ter em mente que muitos estudos tiveram por objeto programas de pagamento de renda não-universal, ou seja, apenas para uma parcela da população mais necessitada, de modo que esses efeitos podem não ser os mesmos de uma RBU.

Outra desvantagem do programa é que os governos acabam transferindo dinheiro para as mesmas pessoas que pagam pelos benefícios. Segundo Acemoglu (2019), nos Estados Unidos, 3/4 das famílias pagam impostos federais e uma parcela maior paga impostos estaduais, fazendo com que a maioria dos beneficiários seja os próprios investidores do programa. A RBU ainda permite que pessoas ricas recebam o pagamento mensal no mesmo valor das pessoas pobres, não havendo razão para transferir dinheiro para pessoas que não precisam. Acemoglu (2019) defende que o imposto sobre o rendimento negativo (“rendimento mínimo garantido”) é uma política mais sensata, pois assegura o pagamento apenas a quem auferir renda inferior a certo limite, custando uma ninharia se comparada à RBU.

Considerando que, dificilmente a RBU será instituída concomitante e uniformemente em todos os países, as pessoas de países pobres podem ter um grande incentivo para migrar para países ricos a fim de lucrar com os pagamentos de renda básica.

Na avaliação de Acemoglu (2019), a RBU não passa de uma forma de apaziguar as massas descontentes, em vez de dar-lhes oportunidades econômicas e de ação política. Segundo Wyplosz (2016), a RBU constitui uma ideia sedutora porque, desde que Adão e Eva foram expulsos do paraíso, todos nós sonhamos com um mundo onde viveremos uma vida feliz e livre de contingências materiais. E este sonho está tão arraigado que o abraçamos imediatamente, negligenciando o fato de que o raciocínio excessivamente simples ou confuso geralmente fornece conselhos inadequados.

4 CONCLUSÃO

No presente trabalho procurou-se expor os argumentos favoráveis e contrários à instituição de um programa de renda básica universal. Inicialmente, apresentou-se um conceito, breve histórico e algumas experiências de formas de RBU pelo mundo. Em seguida, foram elencadas as justificativas geralmente lançadas em favor da RBU para, depois, exibir os argumentos antagônicos. Embora a ideia de uma proteção mínima e universal não seja nova, as experiências com essa política pública são recentes, de modo que serão necessários muitos estudos para se obter um relativo consenso acerca dessa proposta.

REFERÊNCIAS

ACEMOGLU, Daron. **Why Universal Basic Income Is a Bad Idea**. Project Syndicate, 7 Jun. 2019, Disponível em: <https://www.project-syndicate.org/commentary/whyuniversal-basic-income-is-a-bad-idea-by-daron-acemoglu-201906?barrier=accesspaylog>. Acesso em: 11 nov. 2021.

AMADEO, Kimberly. **What Is Universal Basic Income?** The Balance, 19 ago. 2021, Disponível em: <https://www.thebalance.com/universal-basic-income-4160668>. Acesso em: 11 nov. 2021.

CENTRE FOR PUBLIC IMPACT. **Basic Income Grant (BIG) in Namibia**. BCG Foundation, 5 abr. 2016. Disponível em: <https://www.centreforpublicimpact.org/case-study/basicincome-grant-big-namibia>. Acesso em: 11 nov. 2021.

HUGHES, Ryan. **Universal Basic Income Is a Bad Idea**. Bull Oak Capital, 26 jul. 2020. Disponível em: <https://bulloakcapital.com/blog/universal-basic-income-is-a-badidea/>. Acesso em: 11 nov. 2021.

LUCAS, Caroline. **These Are the Simple Reasons Why a Basic Income for All Could Transform Our Society for the Better**. Independent, 15 jan. 2016. Disponível em:

<https://www.independent.co.uk/voices/if-everyone-was-given-basic-income-it-would-probably-cost-less-america-s-means-testing-benefits-a6814701.html>. Acesso em 11 nov. 2021.

NIKOFOROS, Michalis; STEINBAUM, Marshall; ZEZZA, Gennaro. **Modeling the Macroeconomic Effects of a Universal Basic Income**. Roosevelt Institute, 29 ago. 2017. Disponível em: <https://rooseveltinstitute.org/publications/macroeconomic-effects-universal-basic-income-ubi/>. Acesso em: 11 nov. 2021.

REICH, Robert B. **Why We'll Need a Universal Basic Income**. Robert Reich, 29 Set. 2016. Disponível em: <https://robertreich.org/post/151111696805>. Acesso em: 11 nov. 2021.

SAMUEL, Sigal. **Everywhere Basic Income Has Been Tried**, in One Map, Vox, 20. Out. 2020. Disponível em: <https://www.vox.com/future-perfect/2020/2/19/21112570/universal-basic-income-ubi-map>. Acesso em 11 nov. 2021.

SANTENS, Scott. **Universal Basic Income as the Social Vaccine of the 21st Century**. Medium, 5 fev. 2015. Disponível em: <https://medium.com/basic-income/universal-basic-income-as-the-social-vaccine-of-the-21st-century-d66dff39073>. Acesso em: 11 nov. 2021.

SMITH, Matthew. **Universal Basic Income Could Improve the Nation's Mental Health**. The Conversation, 27 abr. 2020. Disponível em: <https://theconversation.com/universal-basic-income-could-improve-the-nations-mental-health-123816>. Acesso em: 11 nov. 2021.

TAL, David. **Universal Basic Income Cures Mass Unemployment**. Quantumrun, 14 set. 2020. Disponível em: <https://www.quantumrun.com/prediction/universal-basic-income-cures-mass-unemployment>. Acesso em: 11 nov. 2021.

TIESSALO, Raine. **Free Money Provokes Some Finns to Slam Basic Income as 'Useless'**. Bloomberg, 8 fev. 2017. Disponível em: <https://www.bloomberg.com/news/articles/2017-02-08/-useless-basic-income-trial-fails-test-at-biggest-finnish-union>. Acesso em: 11 nov. 2021.

VEGA, Miguel Ángel García. **Renda básica universal: a última fronteira do Estado de bem-estar social**. El País, 18 jun. 2018, Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/06/15/economia/1529054985_121637.html. Acesso em: 11 nov. 2021.

WYPLOSZ, Charles. **Universal Basic Income: The Contradictions of a Simple Idea**. Paris Innovation Review, 8 Dez. 2016, Disponível em: <http://parisinnovationreview.com/articles-en/universal-basic-income-the-contradictions-of-a-simple-idea>. Acesso em: 11 nov. 2021.